



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JÉSSYCA LOUISE COSTA CUTRIM

GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA: uma conversa entre filosofia e religião

São Luís

2025

JÉSSYCA LOUISE COSTA CUTRIM

GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA: uma conversa entre filosofia e religião

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho.

São Luís

2025

JÉSSYCA LOUISE COSTA CUTRIM

GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA: uma conversa entre filosofia e religião

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal do Maranhão, em cumprimento às
exigências para a conclusão do curso.

Aprovada em / /

Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Maria Olília Serra (1ª. Avaliadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite (2ª. Avaliador)
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cutrim, Jéssyca Louise Costa.

Giovanni Picco Della Mirandola: uma conversa entre
filosofia e religião / Jéssyca Louise Costa Cutrim. -
2025.

33 f.

Orientador(a): Zilmara de Jesus Viana De. Carvalho.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Giovanni Pico. 2. Renascimento. 3. Liberdade. 4.
Filosofia. 5. Religião. I. Carvalho., Zilmara de Jesus
Viana De. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Quem como Deus, ninguém!

Eu agradeço a Deus, meu Pai, à Nossa Senhora Imaculada Conceição e ao glorioso São Miguel Arcanjo. Eu não mereço, mas agradeço.

Agradeço, em especial, à mulher da minha vida, minha mãe Maria Emília Carvalho Costa. Hoje, ela não está entre nós em vida, mas sempre será o amor da minha vida. Também agradeço aos meus familiares, pois cada um, em diferentes etapas de minha vida, me ajudou a chegar ao final desta jornada.

Agradeço ao meu coordenador de curso, professor Hamilton Duarte, à minha orientadora Zilmara Carvalho e a todos os professores do curso de Filosofia, por seus esforços em nos auxiliarem, a cada dia, na nossa formação não só como profissionais, mas como cidadãos. Com muito carinho, quero deixar registrado minha gratidão e saudade do professor e amigo Gastão Clóvis Correia.

Agradeço também aos amigos da minha mãe, que, após a morte dela, se tornaram meus amigos de fato e de direito. Registro aqui minha imensa gratidão pelo carinho e cuidado que recebo.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus amigos, aqueles mais íntimos, que sabem o quanto sou grata. Citarei os nomes destes que representam muito na minha vida, e os que aqui não foram citados, não significa que eu não tenha carinho por cada um que está inserido no percurso da minha vida. Fiquem cientes.

Agradeço a Caroline Silva, Elizene Sena, Tayná Barbosa, Alysson Rodrigues, Solange Castro, Tássia Silva, Cirila Cutrim e Jacyara Melo.

Salve, Maria!

Muito obrigada!

Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.

(Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 13:13).

RESUMO

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, utilizando-se de uma abordagem metodológica analítico-interpretativa, tem por objetivo tratar do tema da relação entre religião e filosofia a partir da obra *Discurso pela dignidade do homem*, do filósofo Giovanni Pico della Mirandola filósofo do período humanista renascentista, enfatizando o contexto em que se situa a filosofia desse humanista, a valorização da filosofia clássica (renascimento) e como o homem deste período se relaciona com o divino (espiritualidade), e mais precisamente quem é o homem, examinando isso de modo particular através das concepções filosófico-religiosas de Pico. Compreende-se, diferente do período que o antecede, o homem como o centro e medida de tudo (antropocentrismo), não implicando, entretanto, tal centralidade numa ruptura com a figura de Deus, mas numa espécie de revalorização enaltecadora das potencialidades e capacidades humanas, seja na arte, na ciência, na literatura, na religião e, fundamentalmente, na filosofia. Nesse sentido, no que concerne a Pico della Mirandola este apresenta o homem dotado de livre arbítrio, capacidade está dada pelo próprio criador ao homem para diferenciá-lo dos outros seres, haja vista lhe permitir ser o quiser, conquistando seu lugar na hierarquia dos seres e assumindo as consequências de suas escolhas, ou seja, sendo senhor de si. Na busca pela dignidade do homem o autor acreditava em uma possível harmonia entre as espiritualidades que vem à tona nesse período, afinal no período que o antecede a verdade vinha apenas da igreja, sendo considerado heresia tudo que estava fora dos seus cânones. Dessa forma, argumenta-se que Pico della Mirandola, não rompe com Deus ou com a religião – entendida aqui num sentido amplo, referindo-se, além do Cristianismo, aos *misticismos* próprios ao naturalismo renascentista (magia, orfismo, cabala, astrologia) –, longe disso, procura conciliá-las, conciliação que, no humanismo renascentista é vivida de maneira ativa e a filosofia passa, por sua vez, pelo viés da religiosidade, sendo o conhecimento o meio pelo qual o homem se eleva a conhecer a si, a Deus e, dessa forma a toda a natureza e a harmonizar a vida, encontrando o verdadeiro sentido da dignidade do homem.

Palavras-chaves: Giovanni Pico. Renascimento. Liberdade. Filosofia. Religião

ABSTRACT

This bibliographical research, using an analytical-interpretative methodological approach, aims to address the relationship between religion and philosophy, based on the work "Discourse on the Dignity of Man" by the philosopher Giovanni Pico della Mirandola, a philosopher of the Renaissance humanist period. It emphasizes the context in which this humanist's philosophy is situated, the valorization of classical philosophy (Renaissance), and how humanity in this period relates to the divine (spirituality), and more precisely, who humanity is. This is examined particularly through Pico's philosophical-religious conceptions. Unlike the preceding period, humankind is understood as the center and measure of all things (anthropocentrism). However, this centrality does not imply a rupture with the figure of God, but rather a kind of exalted revaluation of human potentialities and capacities, be it in art, science, literature, religion, and, fundamentally, philosophy. In this sense, Pico della Mirandola presents man as endowed with free will, a capacity given to man by the Creator Himself to differentiate him from other beings, allowing him to be whatever he wants, earning his place in the hierarchy of beings and assuming the consequences of his choices—that is, being master of himself. In the search for human dignity, the author believed in a possible harmony between spiritualities that emerged during this period. After all, in the period preceding him, truth came only from the church, with anything outside its canons being considered heresy. Thus, it is argued that Pico della Mirandola does not break with God or with religion – understood here in a broad sense, referring, in addition to Christianity, to the mysticisms typical of Renaissance naturalism (magic, Orphism, Kabbalah, astrology) –, far from it, he seeks to reconcile them, a conciliation that, in Renaissance humanism, is lived actively and philosophy passes, in turn, through the bias of religiosity, knowledge being the means by which man rises to know himself, God and, in this way, all of nature and to harmonize life, finding the true meaning of human dignity.

Keywords: Giovanni Pico. Renaissance. Freedom. Philosophy. Religion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONHECIMENTO FILOSÓFICO EM GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA	13
2.1 O autorreconhecimento do homem no período do humanismo renascentista	13
2.2 O divino e sua serva filosofia	18
3 COMO A RELIGIÃO PODE HARMONIZAR E ORIENTAR O HOMEM A CONSTRUIR UMA FILOSOFIA DE VIDA	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
Referências	30

1 INTRODUÇÃO

O filósofo Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), humanista renascentista ligado a liberdade e a questões morais do período. Humanista porque está ligado a valorização do homem e renascentista pela valorização da filosofia clássica, do pensamento grego e da cultura pagã, ou seja, a alma do humanismo está no reconhecimento da construção filosófica grega, além de ser fundamentalmente um movimento de erudição. Vale lembrar, ainda, que o humanismo pode ser considerado uma cruzada contra Deus ou até uma volta para a valorização do paganismo, certo é que este humanista em questão tentará uma conversa entre as religiões existentes, e ousaria dizer uma relação entre elas.

Pico então desbrava ou tentará desbravar todo o conhecimento que estava ao seu alcance sendo esse bem-visto ou não, ele reuniu e fez este que é o livro no qual propôs suas 900 teses, mais tarde, porém, esse livro será a carta magna de seu período, mas em função dele foi por muitos odiado, inclusive pela igreja, segundo ela pela valorização da cultura pagã contida na obra. A proposta não era esta, muito pelo contrário, a tentativa desse autor era reunir o pensar religioso, a filosofia ou moral, a ciência e o livre arbítrio.

O grande problema de Pico é a igreja, não em função do próprio Pico, mas pelas suas ideias que vão de encontro com o fundamento teológico da moral cristã, pois na verdade sua tentativa de reunir e conciliar acaba soando para a igreja como uma afronta a seus princípios, e como a centralidade do seu estudo está na figura ilustre do homem, essa seria uma inversão desproporcional para o cristianismo, já que a ordem então se inverte colocando o homem como o centro de tudo e não quem realmente seria, Deus. Tirar Deus do princípio de todas as coisas, de sua centralidade era inverter a ordem de tudo.

Todavia, há que se observar que esse homem é limitado, precisa conhecer a Deus para realizar-se totalmente, ou seja, este homem no humanismo é órfão, aquele que cuida de si e tem domínio e cuidado sobre os seres da terra, porém ele não se conhece por si só, ele precisa conhecer a Deus e aí sim conhecerá a si mesmo, a criatura só se reconhecerá olhando para o criador e, como dirá Pico, quem a si se conhece, a tudo conhece. Conhecer a Deus é a condição para conhecer-se, posto que o homem é dele imagem, e para conhecer o próprio universo contido em si.

Em contra partida o homem pode ser o que ele quiser, elevar-se ou diminuir-se pelo livre arbítrio que tem. E este será, para o filósofo aqui visto, o ápice da criação, todos os outros seres são limitados, já o homem não, porém ele tem as consequências disso no abandono de suas ações, essa é resposta para um homem querer amparar-se a si mesmo. Os braços que

constrói a teia de conhecimento são os mesmos que destroem e caem na sua própria cilada. O livre arbítrio para este nobre astuto talvez seja a maior dádiva, mas também poderá ser a causa principal de seu fracasso total.

Este homem como senhor de si, busca então amparar-se não apenas na verdade como o escolástico buscava, penso ser este o principal conflito de Pico com a igreja, pois, a verdade está em Deus para os escolásticos que, por sua vez, está no cristianismo presente na igreja católica apostólica romana e não na conciliação das religiões, das filosofias, enfim, dos saberes. O que seria uma verdadeira reunião do conhecimento para elevar o homem em suas capacidades racionais e não na proposta única de conhecer.

O indivíduo humanista é este homem descontextualizado, no sentido de seu foco estar na construção histórica, a partir do que o homem escreve de si mesmo e de outros seres, sem o fundamento da criação, ou seja, a história, nessa perspectiva, é maior do que a filosofia e a teologia. Este homem quer retornar ao texto da filosofia clássica com respeito a erudição e buscando as respostas individuais das coisas do mundo próprias a cada tempo.

Esse renascimento que traz consigo um florir da cultura, das artes e do conhecimento, em contrapartida cria uma utopia de felicidade no homem ao ver o ápice de suas faculdades, uma espécie de cortina de brilhante onde o homem se embriaga em seu próprio brilho.

Esse período conversa também com a política afinal de contas o objetivo é estudar a sociedade humana e agir na vida pública, ou seja, como esse homem se organiza e é ela também é que organiza os ditames sociais para o bem de todos. A querela do humanismo renascentista está em querer exatamente que a política e o estado consigam se alinhar para uma perfeita harmonia, ao contrário do homem medieval, que estava sobre o domínio da igreja esse homem renascentista sai desse domínio tentando estabelecer parâmetros de vida com sua consciência, considerando que o homem é um ser social sim e político, embora seja também um ser espiritual e precisa entender-se como tal, não para se sobrepor e nem para diminuir-se, apenas encontrar o ponto de intercessão do homem como máxima da criação divina.

Entretanto, a argumentação em estilo politique foi empregada acima de tudo por quem não depunha fé na liberdade religiosa como um valor moral positivo, mas simplesmente acreditava na lamentável necessidade de admiti-la como a única alternativa à luta civil endêmica.” (Skinner, 1996, p. 523)

Este homem precisa então entender esse momento histórico que está inserido para poder saber o que de fato é o bem político e social e tomar as rédeas de sua construção, agora podendo ter uma concepção espiritual, buscando o conhecimento não só na Mãe (igreja), mas em diversas outras fontes, cabala, astrologia, magia, orfismo.

A cabala esse ensino “na calada da noite” aos mais próximos, e os ensinamentos que se subdividiam para não só entenderem a cabala, mas vivenciarem a astrologia, que Pico compreendia não simplesmente como ditadora do futuro, mas também como ciência que traçava probabilidades acerca deste, contudo sob o veredito do homem em seu livre arbítrio. Em outras palavras, cumpria empreender um conhecimento do divino da sua época por intermédio da cabala judaica, do cristianismo, da magia, dentre outras existentes no seu contexto. Mas não só entender por entender, mas era tentar estabelecer um entrelaçamento e uma concórdia entre elas e, com isso, estabelecer um parâmetro de vida.

Existe aqueles que não reprovam esse gênero, mas em mim de nenhum modo o aprovam, porque eu com vinte e três anos de idade, ousei propor uma discussão sobre mistérios sublimes da teologia Cristã, acerca de disciplinas desconhecidas, a partir de uma filosofia suprema, em uma cidade celeberrima, num amplo congresso ante um senado apostólico de doutíssimos homens em uma audaciosa disputa. (Pico, 2015, p. 118-119).

Essa era então a virada de chave do Renascimento vão aos clássicos de peito aberto para enfrentar, questionar e conhecer. enfrentar aqui não seria confrontar o conhecimento já existente, mas olhar de frente entender, estudar e reinventar a partir de um fundamento histórico. Este filósofo teólogo ou filósofo historiador, está questão fica aberta ao modo de como é feita a leitura deste período, pois Pico della Mirandola, não deixou de ser um historiador (catalogou e investigou o conhecimento de forma crítica e sistemática) e não deixou de ser um teólogo ou teogonista, haja vista buscar entender religiões e suas concepções e, mais que isso, buscar entender o cosmo e como o homem se relaciona com ele e suas facetas espirituais.

[...] são polos que estão em luta permanente desde o início do Renascimento, que se tencionam reciprocamente e que não mais nos permitem ter dele a visão homogênea que predominou na historiografia herdada de Burekhardt e de Michelet (Brandão, 2010, p. 150).

Nesta busca pelo conhecimento despretensiosamente encontramos Platão como norteador para o período, uma espécie de guia respeitável para esse sujeito humanista renascentista. E aqui entramos no cerne da questão, este homem se reconhece como um desbravador da verdade, independentemente de onde ela esteja, apenas a verdade pela verdade, na procura implacável pelo conhecimento genuíno. Sua matéria de estudo é o universo e tudo que nele existe e óbvio, tendo o homem como figura central. Vale lembrar que o humanismo não seria uma ruptura radical com o período medieval, ele é um período de ruptura mitigada, daí porque há elementos de descontinuidade e de continuidade, só que associando e tirando o foco antes existente, mas sem dúvida o acento dado à liberdade e a ação humana, de um decifrar a natureza que possibilita extrair desta elementos benéficos para a humanidade, são pontos de

ruptura, tanto quanto é de continuidade o reconhecimento da necessária aproximação de Deus para sua exata compreensão.

Chegamos então ao ponto chave da filosofia de Pico que é o livre arbítrio, essa liberdade do homem de buscar nele mesmo sua reconstrução, como uma cobra que troca sua pele o homem tem autonomia de trocar de postura, de mudar suas convicções, de refazer-se racionalmente e de reconstruir a estrutura social que deseja para si. Este é o cidadão político que busca a harmonia, ou seja, perfeita harmonia e conciliação das religiões existentes (utopia), mas como fala Skinner: “É loucura esperar a paz, a tranquilidade e a harmonia entre pessoas de religiões diferentes”. (2006, p. 524).

Esse humanista não rompe com cristianismo nem o abandona, ele também iria à missa pela manhã, visitava os oráculos a tarde e passava nas reuniões de cabala a noite, ou seja, esse livre arbítrio lhe permitia viver o que quisesse a procura de suas respostas, mas a questão é a dignidade do homem estava na busca descentralizada ou na centralidade divina (Deus)?

Atribui-se a Pico ter contrastado a perfeição imóvel de Deus, jacente sobre si própria, em que a Idade Média (e os humanistas!) criam, com a grandeza daquilo que é mutável no homem. Mas nunca deixa de acentuar que esta mobilidade foi dada ao homem com um único fim em vista. É verdade que o homem pode degenerar em animal, mas justamente devido à sua valia pode regenerar-se, como diz S. Paulo, e regressar ao divino. Somente então encontrará o repouso, a paz, a unidade e a bem-aventurança da vida divina (estas palavras são tão típicas do pensamento de Pico e do pensamento humanista em geral como as que se referem à mutabilidade). É por isso, diz Pico, que é de suprema importância que o homem, colocado como se encontra no centro do mundo, se volte por seu turno para Cristo, o perfeito mediano. (Dresden, 1968, p. 70-71).

Assim podemos ver que nessa “continuidade” do pensamento medieval (cosmocêntrico) para o pensamento humanista (antropocêntrico), a tarefa do homem não é apenas adorar e contemplar a Deus e suas criações, mas este homem passar a ser criatura do criador entendendo que ele pode escolher (livre arbítrio) submeter-se a vontade de Deus e a tutela da igreja ou construir por si e para si um lugar especial na terra sendo senhor de si. Elevando apenas sua capacidade e sua racionalidade rompendo a ligação com pensamento medieval, porém, ao mesmo tempo, abrindo as portas para a centralização do homem, sem excluir a Deus, passando apenas a entender que suas potências só são bem elaboradas quando conectadas a matriz (Deus), e quem realiza essa conexão é o próprio homem na busca da elevação espiritual, que se concretiza na verdadeira religião que dignifica o homem e o eterniza.

Considerando-se isso, defende-se, na presente pesquisa, que Pico della Mirandola, não rompe com Deus ou com a religião – entendida aqui num sentido amplo, visto referir-se, além do Cristianismo, aos *misticismos* próprios ao naturalismo renascentista (magia, orfismo, cabala, astrologia) –, longe disso, procura conciliá-las, conciliação que, no humanismo renascentista é

vivida de maneira ativa, o que implica afirmar que a filosofia passa, por sua vez, pelo viés da religiosidade, sendo o conhecimento o meio pelo qual o homem se eleva a conhecer a si, a Deus e, dessa forma a toda a natureza e a harmonizar a vida, extraindo os benefícios desse saber para a humanidade e encontrando o verdadeiro sentido da dignidade do homem.

Para tanto, este trabalho após esse primeiro capítulo, que é de caráter introdutório, acha-se dividido na sequência pelo segundo capítulo, no qual tratarei da Renascença, enfatizando a maneira peculiar como o movimento humanista buscou compreender a filosofia greco-romana, isto é, a partir dela mesma, a abertura que esse erudito movimento se proporcionou em relação a outras culturas e como tudo isso foi gerando uma nova forma de conceder ao homem mais autonomia, portanto, possibilitando-lhe um autorreconhecimento, como ocorre na filosofia de Pico della Mirandola, proporcionado pela sua condição de ser uma criatura livre, capaz de elevar-se à dignidade dos querubins, anjos que diante de Deus assistem, conhecendo-o e, assim, reconhecendo-se, ou a rebaixar-se ao sensível e ser apenas mais um na natureza, como os porcos. Enfatizarei, ainda nesse capítulo, como a filosofia pode auxiliar nesse processo de reconciliação do homem com Deus. Já no terceiro capítulo, além de insistir, que Pico era um cristão, apresentarei as relações deste com a magia natural, com a astrologia, com o orfismo e, sobretudo, com a cabala, evidenciando, desse modo, que longe de defender uma filosofia separada da religião, apresenta um sincretismo religioso-filosófico, capaz de harmonizar e orientar o homem na sua relação consigo e com a natureza. Ademais, feito isso, seguirei para a apresentação das considerações finais, onde pretendo demonstrar com base no exposto, a obtenção do pretendido, a saber, a conciliação entre a filosofia e religião em Giovanni Pico.

2 CONHECIMENTO FILOSÓFICO EM GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA

2.1 O autorreconhecimento do homem no período do humanismo renascentista

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas, a maior é o Homem!
(Sófocles, 1996, p. 164).

O Renascimento, como época que transcorre entre os séculos XIV e XVI, seria um período de ruptura, mesmo que mitigada, ocorrido dentro de uma conjuntura marcada por fatores diversos, de ordem econômica, cultural, filosófica, religiosa, dentre outros. A tomada de Constantinopla, capital do Império Bizantino (Império Romano do Oriente), pelos turcos otomanos, em 1453, é uma importante ocorrência dentre desse cenário, pois, como se sabe, estes trazem para Florença textos de Platão, Aristóteles, Epicuristas, Estoicos, dentre outros, imprescindíveis para formação de uma nova visão de homem, tão cara aos comerciantes enriquecidos – os burgueses –, que, aos poucos, vão reconfigurando o cenário econômico e sociopolítico da Europa, sendo-lhes necessário e conveniente patrocinar estudos filosóficos, como se deu, em grande parte, no movimento Humanista.

O movimento Humanista foi um movimento de grande efervescência intelectual – filosófica, literária, artística –, fruto de uma ousadia do homem em fazer uma releitura da antiguidade clássica grega e latina¹, cuja fecunda difusão teve vários representantes em seu prelúdio, como Petrarca e Boccaccio (séc. XIV), desenvolvendo-se mais propriamente entre os séculos XV e XVI, destacando-se aí filósofos como Salutati, Marcílio Ficino, Pico della Mirandola (séc. XV), T. More e Erasmo de Roterdã (séc. XVI), dentre inúmeros outros. Tendo como base o antropocentrismo ligado ao tripé: individualismo, otimismo e racionalismo. Quanto a isso, diz Minghetti (2015, p. 159):

O Renascimento além do antropocentrismo adentrou princípios hedonistas, que consistia na busca do máximo prazer em cada momento vivido, como tesouro maior do Homem e, princípios individualistas, que envolvia a exaltação do indivíduo e de sua soberana liberdade dentro do grupo social, além de outros princípios ligados ao otimismo e ao racionalismo.

¹ Sobre o Humanismo renascentista, esclarecem Reale e Antiseri (1990, p. 17): “Sobretudo a partir da segunda metade do século XIV e depois, sempre de forma crescente, nos dois séculos seguintes [...], verificou-se uma tendência a atribuir aos estudos relativos às *litterae humanae* um grande valor, considerando a Antiguidade clássica, latina e grega, como um paradigma e um ponto de referência para as atividades espirituais e a cultura em geral. Assim, “humanismo” significa essa tendência geral que, embora com precedentes ao longo da época medieval, a partir de Francisco Petrarca, apresentava-se agora de modo marcadamente novo [...], ao ponto de marcar o início de um novo período na história da cultura e do pensamento”.

Esse tripé é o esforço do homem para uma ressignificação de si, o que implicou numa visão de Deus que já não é a mesma do teocentrismo medieval, Minghetti (2015, p. 159): “o Homem passa a ser o objeto de estudo principal, em uma relação uníssona com o estudo do *Creador*”. Em outras palavras, esse homem que agora é o centro do estudo tem um criador, mas pode escrever sua história (livre-arbítrio), compreender a natureza, propor modelos de atuação eficiente na vida política e nos negócios privados. Então o seu esforço é para se entender, entender a natureza da qual faz parte e para isso entender quem os criou, capacidade que o livre-arbítrio e a razão lhe outorgam. Conforme Blackham (1969, p. 4): “O humanismo é um esforço do homem para o homem que deve: pensar, sentir e agir por si próprio, decidir-se a si dentro do âmbito de sua própria experiência e aceitar a lógica dos resultados”.

Assim, neste ponto podemos afirmar que mesmo não havendo um rompimento de entendimento no humanismo em relação à figura de Deus, afinal eles aceitavam a existência de único Deus, nem tudo pode ser conservado na construção de uma linha de um pensamento que fala do novo, neste caso de uma natureza humana não mais resignada à sua condição de decaída, não mais impotente e fragilizada, tendo, desse modo, o atrevimento de questionar saberes respeitados e bem consolidados pela igreja. Óbvio, então, que teríamos uma diferenciação onde o homem, percebendo-se como feito a imagem e semelhança do divino, não se encontra mais numa situação de conformação e de despotencialização, mas ao contrário, de afirmação de suas capacidades, sendo este inclusive a dar sentido a Deus, haja vista ver-se como a expressão maior da criação.

Na verdade, o que Pico Della Mirandola e outros autores nesse contexto defendiam a capacidade do homem de pensar por si e de através da razão ordenada e da liberdade chegar a Deus. Liberdade esta que seria o livre-arbítrio dado pelo próprio Deus, permitindo ao homem escrever sua narrativa, nesse ponto Pico não rompe com a igreja, pois vê o homem como medida da criação celeste sem se diferenciar do seu contexto, porém sabendo qual é a máxima do criador². E como se diferencia das demais criaturas, pode compreender, mesmo num mundo em que o homem que fabrica está em alta e está sobre os holofotes do fazer, que o saber conhecer a si era o alvo para chegar a Deus. Como afirma Arns (1959, p. 19), “[...] do mistério de sua existência, de seu próprio eu. A existência já não é apenas o mistério do cosmos, mas de seu microcosmo, o mundo dos grandes movimentos interiores”.

² A máxima da criação em Pico Della Mirandola diz respeito a condição do ser humano, isto é, ao fato de que este foi criado, diferentemente dos demais seres, como um ser indeterminado, que pode se tornar o que quiser através da liberdade que lhe foi conferida.

Para ele o homem se conhecer e com isso renascer, construir-se e refazer-se era a base do conhecimento, com efeito, diz Mirandola (2015, p. 64): “Dado teu alvitre poderás degenerar até os desarrazoados inferiores, ou se aproximar dos superiores divinos se tua consciência regenerar”.

Pode-se inferir a partir de Pico, que, de um modo geral, esse era o espírito do próprio período renascentista, ou seja, do que renasce de suas próprias forças intelectuais, uma vez que estamos falando do renascimento, época do florescer da ciência, das artes e da cultura, que sugere, como inicialmente mencionado, uma ruptura com esse homem visto pela igreja como submisso a ela, portanto, a seu modo de conhecimento e a sua forma de organização social. O humanismo levando a uma releitura dos clássicos gregos e dos romanos, numa perspectiva distinta da que fora feita pelos medievais, de modo a haver efetivamente um Renascimento, considerando que se promove uma valorização da cultura e do pensamento grego e romano atentando a seus contextos, seguindo uma perspectiva, segundo Skinner (2006, p. 106-108) não de continuidade, como na Idade Média, cuja a aproximação com a tradição clássica levava à convicção de que pertenciam essencialmente a mesma civilização, o que também implicava em não tentar “abordar a cultura do mundo antigo em seus termos próprios” (Skinner, 2006, p. 106), postura não adotada pelos humanistas renascentistas, que, pelo contrário, modificam a forma de ver a cultura greco-romana, tratando-se de redescobrir o que havia de autenticamente clássico, entendendo, portanto, que a sociedade da qual emergiam era uma sociedade diferente da sua.

Essa nova forma de se dirigir ao passado, no concernente, por exemplo, ao humanismo de Petrarca, ocasionou, como explica Skinner (2006, p. 109): “uma transformação das concepções vigentes não apenas no tocante aos objetivos e conteúdos adequados da educação, mas também à natureza do homem, à extensão de suas capacidades e aos objetivos adequados da vida”. O que terá, por sua vez, implicações na forma de compreender o homem – por vezes, antagônicas, às medievais – e, assim, as várias dimensões e esferas de saber e atuação deste, como: a moral, a política, a história, a religião, a vida social, a natureza, etc.

Ainda conforme Skinner (2006, p. 118), há um otimismo no que se refere às capacidades humanas, a sua vontade livre, evidentes nos tratados sobre a dignidade humana, tal é o caso da *Oração sobre a dignidade do homem*, de Pico Della Mirandola.

Nesse contexto do pensamento de Pico temos a valorização do homem e a exaltação de Deus, e o filósofo busca o equilíbrio sabendo que a liberdade do homem deve levá-lo à retidão e verdade, condições que o conduzirão a Deus.

Pico della Mirandola não tem nenhuma dúvida de que o homem, com sua capacidade racional, foi a última criação de Deus (Artífice), e ao estar no centro do mundo, pode olhar as coisas de uma forma mais privilegiada, como um “intérprete da natureza”, seguindo a direção que desejar, admirando a beleza e a grandeza da obra divina (o mundo). E diferentemente das demais criaturas mundanas, que têm a natureza bem definida, completamente acabada, o homem possui uma natureza indefinida, inacabada (Lima, 2017, p. 179).

O homem mesmo passando a ser o protagonista nesse período, fica claro na filosofia de Pico que tal só se efetiva realmente elevando-se este ao divino, sem essa aproximação do homem em relação à Deus não é possível uma compreensão do desenvolvimento ordenado de sua criação. A influência de Platão é nítida, pois se neste é preciso fazer uma ascensão em direção ao mundo das ideias a fim de contemplar a verdade, em Pico deve-se almejar ascender às realidades celestes de modo a alcançar a glória dos Querubins, anjos que assistiam diante do trono de Deus, uma vez que conhecer a Deus é condição para conhecer a si e a natureza e, portanto, suas leis, as relações entre o micro e o macrocosmo que lhe são inerentes, conhecimentos pressupostos para a afirmação do homem como soberano sobre a natureza. De acordo com Mirandola (2015, p.73): “Se a correta razão de um filósofo tudo discerne, ele é um venerável ser celestial, não terreno”.

Desse modo, em Pico essa liberdade do homem só o conduziria à dignidade através da busca de reconhecer o divino e com isso reconhecer a si mesmo e saber o seu lugar no mundo, perante os seres criados por Deus. Essa construção filosófica de Pico se dá pelo seu esforço e eruditismo, que lhe permitiu reunir conhecimentos de filosofia greco-romana, escritos religiosos e filosóficos tidos como heréticos e estudar uma diversidade de idiomas, buscando correntes e fontes de ensino diversificados.

Pensava o conhecimento de modo dialético utilizando-se de conhecimentos já estabelecidos e respeitados para transcendê-los em suas explicações e estabelecer novos conceitos e interpretações, num período em que as faculdades de conhecimento do homem estão sendo o centro que coordena a liberdade moral desse homem regido por Deus, mas responsável pelos seus atos.

Com essa fundamentação Pico não só enaltece a figura do filósofo, mas o homem que busca conhecer a si mesmo dignamente por meio do uso correto de suas faculdades intelectuais, aperfeiçoando assim a antropologia renascentista, com uma forte crítica e, ousaria dizer uma aversão ao cristianismo medieval (figura divina carrasca), para uma figura de divina de amor e que dignifica esse homem dotado de razão e espiritualidade, pensamento este que é base para o pensamento do humanismo renascentista.

Em suma o homem se conhece em Pico através de sua colocação perante os seres criados pela divindade (Deus), entendendo assim seu processo de existência e criação, o que lhe permite ser o próprio artífice de si (livre arbítrio) em via de uma fé bem estabelecida, pensamento racional e conduta inquestionável. Fazendo com que este homem busque a verdade como para construir e organizar as relações sociais em que está inserido não para engradecer a si mesmo, mas para ter harmonia para a construção do conhecimento filosófico-científico.

O objeto de verdadeiro fascínio de Pico é o homem tido como a criatura mais perfectível saída das mãos do Criador. Não existe na concepção do filósofo renascentista tecnologia mais sofisticada que a humana. Mais que os anjos, o homem é coroado de glória e esplendor, sua matéria, ou seja, sua feitura é na visão de Pico a mais excelsa dentre todas as coisas criadas, logo o homem foi concebido como a criatura mais complexa da natureza (Cabral, 2018, p. 137).

A propósito disso, há que se ressaltar o entusiasmo de Mirandola pela magia natural³ e pela cabala, a primeira por ser um meio de extrair benefícios da natureza a partir da relação entre o micro e o macrocosmo, a segunda, porque “o alfabeto hebraico contém o nome ou os nomes de Deus. Ele reflete a natureza espiritual fundamental do mundo e a linguagem criadora de Deus” (Reale; Antiseri, 1990, p. 79), como veremos, com mais vagar, no subtópico 2.2.

Quanto à astrologia, Pico Della Mirandola manifesta-se de forma ambígua, pois segundo Rabin (2011b, p. 188-189), na sua obra *Heptaplus* tanto há passagens em que este a aceita, quanto há condenando-a. Rabin explica sobre a astrologia, que:

Tanto a astrologia quanto a magia eram divididas em dois tipos: os pensadores referiam-se à astrologia natural e judicial. A natural estudava os corpos celestes e fazia previsões principalmente nas áreas do clima e da medicina. A astrologia judicial lidava com previsões de ocorrências humanas, em vez de ocorrências naturais, envolvendo tanto as sociedades quanto os indivíduos, baseadas nas configurações dos céus. Entretanto, não havia uma linha de demarcação fixa entre a astrologia natural e a judicial. Por exemplo, a questão das natividades ou dos horóscopos era problemática (Rabin, 2011b, p. 181).

Todavia, era fácil ver a astrologia judicial como uma ameaça à liberdade, pois na busca de entender racionalmente o funcionamento do mundo e de como o homem pode sofrer influências diversas da ordem celeste, a astrologia pode surgir como um lobo em pele cordeiro, tendo aparência de uma ciência, porém com um fundamento desvirtuante do homem, uma vez dar abertura à superstição de que é falso o controle humano sobre si, fazendo com isso mortificação da liberdade do homem, ou seja, escravizando seu espírito, fazendo-o cair sobre o cajado do determinismo astral.

³ Conforme esclarece Rabin (2011b, p. 179) a astrologia e a magia eram temas da filosofia natural e Pico havia estudado as duas: “A astrologia estudava os efeitos dos movimentos de corpos celestes; a magia buscava uma maneira de manipular a natureza [...]”.

Nessa perspectiva, faz sentido a tese de que para Pico, a astrologia⁴ contradiz o que o homem recebeu e teria como diferente dos outros seres (o livre arbítrio) – “Tu, não estás submetido a quaisquer limites, só mercê do arbítrio que em tuas mãos coloquei, definas a ti próprio” (Pico, 2015, p. 62) –, principalmente considerando sua obra póstuma intitulada *Debates contra a astrologia judicial*. Tudo que ameaça à liberdade, impedindo as potencialidades humanas de se desenvolverem, ameaça a própria dignidade e o florescer das ciências. Além disso, para Pico, corpos celestes não poderiam ser concebidos, como queria a astrologia, como intermediários entre Deus e os homens. Conforme Rabin (2011b, p. 195):

O Céu era superior à Terra, segundo Pico, mas era inferior ao ser humano, que possuía uma alma racional. Somente outro ser que possuísse uma natureza intelectual poderia ser superior ao ser humano ou poderia agir como um intermediário entre a divindade e o ser humano.

Quanto à magia, Pico diz, no *Discurso pela dignidade do homem*, que existe duas formas desta: “uma primeira da qual depende inteiramente o trabalho e poderes de demônios, algo execrável e assombroso. E outra que refere aquilo que sutilmente se examina, nada mais que a perfeição absoluta da filosofia natural” (Pico, 2015, p. 138). A primeira considerada feitiçaria “expõe o homem a indignidade e o escraviza, a posterior, dela o faz senhor e dono” (Pico, 2015, p. 142), sendo ela a suprema sabedoria.

2.2 O divino e sua serva filosofia

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas, a maior é o Homem! (Sófocles, 1996, p. 164).

A proposta de Pico é uma conciliação das verdades teológicas com o pensamento lógico sem deixar de lado sua formação no cristianismo, mas buscando através de suas formações (apesar de muito jovem) trazer o entendimento cabalístico e hermético na construção de sua filosofia moral. Por este motivo apresento aqui o divino como rei, esta alegoria que uso é para contribuir com o entendimento de que a religião é a base da lógica filosófica piquiana.

Porém a associação de Pico não é apenas com a teologia, mas também com as teurgias, ligações com ensinamentos neoplatônicos e cabalísticos isso para transpor a conversa saindo de um ambiente fechado (igreja) e levando para busca implacável da unidade e da união na harmonia

⁴ Ademais, a astrologia é considerada por Pico como incompatível com o Cristianismo, uma vez que, ele “concluiu que a astrologia não podia ser praticada com fins cristãos, ela tinha de ser rejeitada como uma inverdade perigosa que necessariamente distorcia a mente humana e afastava as pessoas de Deus” (Rabin, 2011b, p. 202).

do Ser criador refletido no homem, o que seria a virada de chave não de uma religião, mas fim último de toda religião absoluta, aquela que é total e tem sua realidade espiritual bem fundamentada na logicidade dos fatos. “Assim como a fé, que é simples disposição a crer, é inferior à ciência, assim a fé, que é fé verdadeira, é supra substancialmente superior à ciência e ao intelecto, conjugando-nos imediatamente a Deus⁵” (Conclusio [...], p. 48 *apud* Casoretti, 2020, p. 69).

Pico influenciado por Ficino, embora bastante jovem, e em busca da religião absoluta, como ele mesmo trata, vai a procura dos conhecimentos sobre cabala e hermetismo, ambos interessados no tema da criação por meio da palavra. Conforme Yates (1964, p. 101):

Os mistérios da *Hermética* são mistérios da Palavra ou do *Logos*, e, no *Pimandro*, foi graças à Palavra luminosa, o Filho de Deus, saído do *nous*, que se realizou o ato da criação. No Gênese, “Deus falou” a fim de formar o mundo criado e, por ter falado em hebraico, as palavras e caracteres da língua hebraica tornarem-se, para o cabalista, um tema de meditações místicas infundáveis (...).

A assimilação do hermetismo por Pico se pode perceber logo no início da *Oração elegantíssima*: “Oh! Asclépio que grande milagre é o homem” (Pico, 2015, p. 53). Frase extraída de um dos textos filosófico-religiosos que compunha o *Corpus Hermeticum*, atribuído à Hermes Trismegistus, o Deus mensageiro (Thoth) três vezes grande, o Moisés egípcio, figura mística, de cujo pensamento era estudioso dedicado Marsilio Ficino e, por intermédio deste, Pico della Mirandola, dentre seus textos mais conhecidos contavam o *Pimandro* e o *Asclepius*, traduzidos para o latim na Renascença, estando Ficino entre os tradutores.

Quanto à cabala, Pico a apresentou, segundo Yates (1964, p. 100) como um complemento da magia natural, sendo ela, para Mirandola, uma outra espécie de magia mais ambiciosa, a cabala prática, magia que, ainda de acordo com o filósofo, seria espiritual – não espiritual por utilizar, como a magia natural o fazia, o *spiritus mundi* (alma do mundo), pois essa força vital presente em todos os seres, era um princípio intermediário entre o natural e o espiritual –, haja vista que a cabala era um meio de se tentar “entrar em contato com as forças espirituais mais elevadas, além das forças naturais do cosmos” (Yates, 1964, p. 100). A cabala prática seria a invocação dos anjos e seres celestes e até do próprio Deus, como explica Yates (1964).

Para Pico, a cabala foi um conhecimento reservado a poucos, transmitido de forma oral, não escrita, inicialmente de Deus para Moisés:

⁵ “Sicut fides, quae est credulitas, est infra scientiam, ita fides, quae est vere fides, est supersubstantialiter supra scientiam et intellectum, nos Deo immediate coniungens”.

Assim, do mesmo e profundo modo como Deus revelou a verdadeira lei divina interpretada por Moises, a ela se nominou Kabbalah, igualmente aludida por Hebreus, no sentido de recepção. Conhecimento da doutrina, não pela lembrança das letras, mas por revelações ordinárias e sucessivas, de um para o outro, como direito hereditário (Pico, 2015, p. 148-149).

Moisés, por sua vez, seguindo essa tradição oral e reservada, a teria transmitido apenas a Josué. Pico Della Mirandola (2015, p. 148-149) defendia que vários sábios e o próprio Cristo ensinavam apenas a seus discípulos verdades mais reservadas, ou seja, a cabala. Além disso, afirma que Esdras após o cativo dos hebreus na Babilônia teria mandado compilar esse conhecimento, conforme ordenado por Deus, em setenta livros, confiando tais ensinamentos apenas aos mestres do povo.

Diz Yates (1964, p. 100-101), sobre o hermetismo e a cabala, que:

A cabala, segundo creio, jamais é chamada de *prisca theologia*, por ser esse termo aplicado às fontes da antiga sabedoria gentia, e o conhecimento cabalístico era uma sabedoria mais sagrada, porque hebraica. Uma vez que, no entender de Pico, a cabala confirmava a verdade do cristianismo, a cabala cristã era uma fonte hebraico-cristã de antiga sabedoria que, para ele, seria muito proveitosa e instrutiva, comparada com as antigas sabedorias dos gentios e, acima de tudo, com a de Hermes Trismegisto. A figura de Hermes serviu como um apoio aos ensaios de Pico sobre religião comparada, pois era evidente o paralelismo com Moisés; Hermes teria sido o legislador egípcio e autor da inspirada Gênese egípcia, o Pimandro.

Essa é uma proposta ousada de Pico de entrelaçamento entre conhecimento hermético e cabala que em até certo ponto teve um efeito aceitável em sua linha de pensamento até a igreja fazer desmoronar seu castelo de areia, que já anunciava sua queda nessa tentativa astuta e genial de reunir conhecimentos e religiões de origens distintas, apresentando interpretações conflitantes com as já consolidadas dos doutos da igreja, que viam nelas ataques a seus dogmas de fé, uma verdadeira afronta.

De todo modo, o hermetismo e a magia natural, assim como o conhecimento de Deus através da cabala eram imprescindíveis para o conhecimento da natureza e do próprio homem, pois “Quem de fato se conhece, se reconhece em tudo, como primeiro escreveu Zoroastro e a seguir Platão no Alcibiades” (Pico, 2015, p. 106).

Ou seja, o homem se vê como parte do criador e tudo o que existe assim também é, por isso a comparação do autor de um profeta com um filósofo ou um filósofo com um profeta, que nada mais é do que a filosofia natural (consciência) em união firme e irrepreensível com a benevolência isto em união mística. É esse entrelaçamento que os pitagóricos afirmam ser o final da filosofia, pois, supera sua dialética, sua boa retórica e sua filosofia natural para o entendimento da verdadeira filosofia em quem a contém e é a verdadeira sabedoria em si que é divindade. O que nos torna um tabernáculo divino quando chegamos a esse estágio, estaremos

em fase de contemplação tal que chegaremos a uma santa filosofia como diz o próprio Pico, pois assim seremos tal qual os anjos e os levitas, com ciência e sabedoria total não por nossa causa, mas por estarmos em união com a matriz (Deus), a fim de que, estando com ele, pratiquemos toda glória que lhe é devida, esse caminho para a teologia é a filosofia.

Os Padres da Igreja colocaram o homem numa posição digna, como o mais elevado dos seres terrestres, o espectador do universo, o microcosmo que dentro de si contém o reflexo do macrocosmo. Todas essas noções ortodoxas estão no discurso sobre a dignidade do homem (Yates, 1964, p. 128).

Por conta da orientação de suas ideias e ordenação de suas ações é nesse lugar que o homem deixa suas pluralidades, suas inverdades, para o que Pico della Mirandola traz como união mística, este homem agora se reconhece porque se ordenou moral e dialeticamente, e se orienta porque encontrou a criação e isso o torna digno, pois consegue unir-se misticamente com aquele que é, foi e sempre será, pois teria alcançado a inteligência espiritual, ou seja, a inteligência dos anjos, como diz Pico (2015, p.73): “Não é a ausência do corpo, mas a inteligência espiritual que faz o anjo”.

A filosofia em Pico então se torna serva da verdadeira religião a que tem a totalidade da divindade e conhecimento, ousou dizer que essa foi a tentativa de Mirandola demonstrar através da filosofia da dialética, ao nos permitir subir os degraus da escada do saber em direção ao inteligível, que a busca pelo conhecimento só é possível se nesse percurso conhecermos a nós mesmos e nos conhecendo encontrarmos o divino, e nesse encontro superarmos o conhecimento e passarmos a contemplar Deus, a fonte do verdadeiro conhecimento.

A profunda significação de Pico della Mirandola na história da humanidade não pode ser subestimada. Foi ele quem primeiro formulou, com ousadia, uma nova situação para o homem europeu, o homem como mago, utilizando a magia e a cabala para agir sobre o mundo e controlar seu destino por meio da ciência. E em Pico pode ser estudado na fonte o liame orgânico da emergência do mago com a religião (Yates, 1964, p. 138).

3 COMO A RELIGIÃO PODE HARMONIZAR E ORIENTAR O HOMEM A CONSTRUIR UMA FILOSOFIA DE VIDA

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus (Agostinho, 1990, p. 28).

Comecei este capítulo com esta citação para melhor contextualizar como estava Pico, sabemos que a inspiração para escrever esta obra aqui referenciada veio de suas 900 teses anteriormente escritas, que nada mais seria do que uma ousadia desse breve filósofo em reunir todo conhecimento que então existia no mundo.

Ousadia esta que lhe custou caro em diversos aspectos e pode-se dizer que o maior foi o embate que travou com a igreja, que ao tomar conhecimento de suas teses as analisou cuidadosamente considerando muitas delas como heréticas, o que resultou em sua prisão, porém Pico teve um “grande espírito religioso” (Garin, 2011, p. 37-48).

Fazendo um trocadilho astuto, o que Pico, sendo conde de concórdia, buscava era basicamente essa concórdia entre o raciocínio lógico com seus saberes e a inteligência suprema e sabedoria total que é Deus. Visto que todo o entendimento de tudo está em Deus e que o homem é o único ser através do livre arbítrio de fazer suas escolhas segundo seus potenciais e vontades: “Tu, não submetido a quaisquer limites, só mercê do arbítrio que em tuas mãos coloquei, definas a ti próprio” (Pico, 2015, p. 62).

A proposta de Pico Della Mirandola é exatamente reunir esse apanhado filosófico de todo o conhecimento reconhecido (ou não) à sua época, para orientação do pensar filosófico, não só filosófico, mas de orientação de vida do homem, porém é inquestionável seu conhecimento, afinal dedicou todo o seu tempo e dinheiro em uma jornada aos estudos voltada à formação humana com tudo novo demais e astucioso para tal feito, mas que assim o fez com grande maestria, o que nos mostra que a filosofia natural, Dialética, filosofia moral e o conhecimento teológico possibilitam para o homem a união e equilíbrio de suas ações, ou seja, a dignidade, para isso viu que os platônicos, socráticos e pitagóricos não estavam errados e nem eram atrevidos só buscavam o conhecimento pelo amor a ele e pela filosofia natural. O homem sempre é levado a buscar o conhecimento pelo ímpeto racional: “Por isso que ao filosofar sobre a razão, muitos se descobrem peregrinos; alienados a cultivar doutrinas doutros” (Pico, 2015, p. 131).

Então me atrevo a dizer que uma vida espiritualizada orienta o pensamento para o bem, este bem está na razão que o eleva à dignidade da divindade em plena harmonia com as faculdades da filosofia natural do homem renascentista.

O conhecimento é busca implacável do ser humano, todos buscamos conhecer algo ou alguém, Pico em sua busca por conhecimento foi atrás da verdadeira essência do que orienta o homem e traz sentido a suas ações, sendo ele provido de riquezas, afinal era conde e se utilizava de suas riquezas para ter acesso a maior parte de conhecimento que pudesse e aqui não estou falando apenas do conhecimento sobre o divino, estou falando de conhecimentos de forma geral. O conde de concórdia aprendeu vários idiomas, o que facilitava sua busca em escritos e estudos de diversos autores sendo aceitos e confiáveis ou não.

Essa busca o levou a sair dos muros da igreja católica, até então detentora de saber e da orientação humana, para buscar o conhecimento de diversas religiosidades em especial a cabala, porém não só a religião fez parte desse contexto, contudo, como visto anteriormente, a astrologia também e o conhecimento sobre magia natural, na busca do que eu ousaria dizer que poderia ser conhecer a essência do humano.

A vida no mundo e a vida no espírito não são incompatíveis. O trabalho, ou a ação, não é contrário ao conhecimento de Deus, porém, na verdade, se realizado sem apego, é um instrumento para ele. Por outro lado, a renúncia significa renúncia do ego, do egoísmo - não da vida. A finalidade, tanto do trabalho como da renúncia, é conhecer o Eu interiormente e Brahman exteriormente, e perceber sua identidade. O Eu é Brahman, e Brahman é tudo (Bhagavad-Gita [...], 1987, p. 10, tradução nossa).

Por certo de que o grande feito sempre será o homem e este é que tem a responsabilidade e dever moral de se orientar e se estabilizar em meio ao avanço através do pensamento, já que este por si só não gera nada, se não quiser desencadear uma postura cética e sistemática desse pensar tem que orientar o pensamento para o fim último seja ele em questões morais ou não. De onde nasce a busca pelo conhecimento? Qual a raiz do pensamento bem ordenado? E a pergunta que quero realmente chegar é qual seria a real inquietação de Pico para reunião de todo o conhecimento?

Tenho a intrepidez de fazer esses questionamentos dentro da minha própria construção para deixar claro que Pico não queria confrontar a igreja e nem calar a voz dela, muito pelo contrário ele vem dela, ele a estuda e seus amigos, que nela estavam, o fortalecem em conhecimento e isso lhe faz ver que aquela inicial vontade de sua mãe não lhe era adequada, visto que não lhe caberia ser um jurista eclesial, pois não cabe a um filósofo analisar apenas por uma ótica ou simplesmente pensar segundo as leis morais da igreja, literalmente não ou pelo

menos não para um renascentista clássico, que vai beber nas fontes de Sócrates, Platão, Aristóteles, Pitágoras, Hermes e Averróis.

Pico buscou entender como se dá o entendimento do homem quando falamos de sua espiritualidade, todavia, sempre com a verdade e reconhecendo que quem rege e toca a harpa que constrói a harmonia do mundo é Deus, tanto que afirma: “o supremo Deus, Mestre arquiteto de tudo que jaz no mundo, o venerável templo da divindade, o construiu com leis da arcana Sapiência” (Pico, 2015, p. 57-58).

Mirandola, apesar de admitir um fundo órfico entrelaçando os deuses gregos com magia e cabala, busca uma elevação sábia do entendimento do homem quanto à figura de Deus (cristianismo), navegando pelo mar furioso do conhecimento filosófico no período renascentista onde falar de teologia associada à filosofia se torna uma associação de risco de naufrágio, porém a carta coringa dele foi colocar o homem como máxima sobre tudo e todos, máxima da criação divina, tendo sempre muitas faces da mística e religiosidade humana, astúcia essa que o fez introduzir um discurso econômico na sua filosofia.

De modo que no pensamento polifacetado de Pico, não existia na terra investigação mais interessante, capaz de inquietar o coração e a mente do que a criatura humana. Acredita-se que nosso filósofo começou a escrever sua obra mais conhecida em 1485 (*Conclusiones Nongentae*) quando estudou, por somente um ano, na universidade de Paris dedicando-se à filosofia e ao humanismo (Cabral, 2018, p. 137).

Deste modo Pico introduz conhecimentos diversos no seu processo filosófico inclusive a astrologia só que, diferente do que vimos hoje, de acordo com Pico os astros não têm poder algum de fazer tomarmos determinado caminho, eles podem até influenciar ou denotar o caminho que somos tendenciosos a cair, mas não irá ser determinante, pois a isso cabe somente ao homem, só ele pode escolher e determinar os rumos de sua existência, nesse sentido afirma: “Não te dei, Adão, um aspecto que lhe seja único, nem um lugar para assentar, nem um dom peculiar, para que tua face, teu lugar, teu dom, deseje-os, conquiste-os e os possua segundo teu juízo e tua decisão” (Pico, 2015, p. 61).

A todos os outros seres existentes é dado funções indiscutíveis e determinadas, ou seja, agem por instinto, foram criados único e exclusivamente para este fim. Nasceram determinados, mas o homem não, este nasce com livre arbítrio, isto é, ele reúne todas as virtudes e todas as selvagerias dentro de si e vai depender dele as escolhas a serem feitas, como ele mesmo diz, assemelhar-se a um porco ou a um semideus. Isso em Pico me remete ao *Fedro* de Platão, ao mito da parelha alada em que a alma humana é comparada a uma carruagem puxada por dois cavalos, conduzida por um cocheiro, nessa perspectiva, o homem tem duas forças que brigam em sua alma buscando a direção da vida, uma com desejos virtuosos, elevados e a outra

impulsiva, com paixões inferiores, cabendo à razão o papel de controlar esses impulsos opostos, guiando a alma para o conhecimento e a verdade, o que ousou dizer é o que acredito que seria a real intenção de Pico que é orientar e ajustar o pensamento para elevar-se de tal modo que conseguisse usar bem e racionalmente esse livre arbítrio dado por Deus. Com efeito, diz o filósofo que: “Este vê em nossa consciência uma natureza dual; através do entendimento ou da discórdia, da paz ou da guerra, como testemunham seus versos, uma nos encaminha para cima até o celestial, e a outra nos impele para baixo, ao inferno” (Pico, 2015, p. 92).

Ou ainda, conforme Pico: “Dado teu alvitre poderás degenerar até os desarrazoados inferiores, ou se aproximar dos superiores divinos se tua consciência regenerar” (Pico, 2015, p. 64).

Livre arbítrio, ou seja, ter poder de escolha, ser senhor de si, em outras palavras é o que Pico diz, ou como diria Sócrates no que diz respeito a conhecer-se. O que este nobre fez em sua astúcia, inteligência e maestria foi estabelecer uma conversa entre teocentrismo e antropocentrismo o que seria novo em seu tempo por isso astucioso, inteligente porque é notável em tão pouco tempo o conhecimento que tinha fez um prefácio ou uma abertura para reunir o conhecimento do mundo.

Temos esse filósofo-teológico que se arrisca na busca pelo conhecimento diverso, mas sempre com o olhar no criador, sem desmerecer as suas criações, dotado de amor pela razão, porém cheio de vontade sabendo que quem rege isso é ele mesmo com o livre arbítrio, porém ciente de que o grande autor da obra e o mestre entre todos é Deus, o homem só é medida de todas as coisas na medida em que a razão humana consegue alcançar a elevação às coisas celestes, passando disso o que temos é a medida de todas as coisas daquele que não tem medida alguma: Deus.

Nada em relação ao infinito: tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve (Zilles, 1991, p. 37 *apud* Cabral, 2018, p. 142).

Só que vejamos, o conde de concórdia usa, em realidade, de sagacidade ao entrelaçar a filosofia com a teologia, afinal de contas estamos falando de um momento em que a verdade estava nas mãos da igreja, então nada mais prudente que sua filosofia partisse de Deus e com métodos teológicos e que estudasse filósofos da igreja, para assim chegar no discurso da dignidade do homem, com uma margem de aceitação ou pelo menos por um caminho lógico. Segundo Pico Della Mirandola:

Se a correta razão de um filósofo tudo discerne, ele é um venerável ser celestial, não terreno. Se a pura contemplação ignorar o corpo, impedindo-o de adentrar a mente proscrevida, não será terreno, tampouco espírito celestial: tão somente uma injunção de carne disfarçada de humano (Pico, 2015, p. 73-74).

Assim, a elevação do humano o torna divino de acordo com a filosofia de Pico. O curioso nesse momento é que páginas antes dele chegar a esse desfecho ele traz a beleza do camaleão: “Quem não admiraria esses nossos camaleões” (Pico, 2015, p.69). Ou ausência de beleza que este animal pode vir a ter, e assim é o homem que poderá se submeter a esferas tão baixas a ponto de se igualar a um animal que age por puro instinto, perdendo, então, a beleza e dando lugar à selvageria, ou poderá elevar-se de tal modo a beleza do camaleão com cores que mostram a elevação de seu espírito celestial.

Este filósofo-teólogo pode então trilhar seu caminho e fazer sua jornada à religião, que aqui atrelada a este homem é cristã, porém o homem desse período é que está entendendo sua jornada e não totalmente submisso a mãe (igreja), ainda que busque nutrientes nela para sua sobrevivência (fontes de conhecimento e orientação), porém, sabendo que ele pode e deve questionar para construir ou para desconstruir e recalcular a rota, levando-o a orientação que se encontra na harmonização de religiões já existentes, que é a tentativa de encontrar a divindade em tudo. Nisso está a reviravolta do conhecimento humanista perante as concepções políticas vigentes, a concepção humanista, faz com que esse conde de Mirandola veja e comece a analisar o homem pelo seu grau de sabedoria ou pelas escalas de conhecimento moral, dialético (dualidade), filosófico, teológico e a união mística. O mais alto grau, a união mística, só possível com a harmonia.

Pico pretende indicar a analogia existente entre as funções angélicas e o caminho triádico relacionado aos campos moral, dialético e teológico, que pode ser verificado nas atribuições de cada Ordem: Os Tronos se definem pelo reto discernimento e a firmeza de juízo, qualidade que pode ser atingida através do uso da razão e que, em seu primeiro estágio, é capaz de encetar a filosofia moral. No Querubim, estágio intermediário, apresenta-se a capacidade intelectual da contemplação ou o momento de “esplendor da inteligência”. Finalmente, no Serafim tem-se o amor ao artífice, ao qual Pico, em outras passagens ou obras, refere-se através do termo “fê”, que o autor considera o último estágio da ascese mística teológica (Casoretti, 2020, p. 97).

A cartada final não seria uma única religião capaz orientar o homem, mas sim a sua justa razão bem unida aos conhecimentos diversos – muitos dos quais considerados heréticos pela igreja, como a magia, a astrologia, o orfismo, a cabala –, e sabendo onde e como se colocar no mundo, elevando-se às qualidades morais e intelectuais que tem, dadas por quem o criou, e reconhecendo seu lugar junto a tudo e todos os seres da natureza, criados e formados. A orientação está na liberdade que tem de ser quem é e não se conformar com a crise que enfrenta, mas em transformá-la, como fazem as borboletas em seus casulos, de aprendizagem para

renascerem com suas asas de dualidade, que ao se encontrar com as flores (conhecimentos), já pertencentes nos caminho, buscando agregar suas cores fazendo a arte florescer em meio a bruta ciência que o homem quer desbravar. Ao encontrar-se no jardim do conhecimento o homem encontra com vários de si, em diferentes etapas evolutivas, e cabe a ele entender e criar a filosofia que lhe interessa para orientar a si próprio afinal foi essa a astúcia de Pico, com vinte poucos anos, passear pelo jardim cheio de roseiras com muitos espinhos, para buscar uma conversa com as filosofias e religiões já existentes e traçar por dentro desse jardim um novo caminho, onde aparou espinhos do contexto histórico, no qual encontrou árvores frondosas com raízes bem firmes (filosofias e filósofos existentes) à beira do caminho, onde aproveitou a fonte para nutrir e fortificar-se no seu caminho. A teologia pode ter sido a pedra no sapato, porém pode ter sido também o toque de suavidade, pois além de confundir e amedrontar, animou a vontade de conhecer. E a religião é o néctar que quando é encontrada em sua essência pura e simples une espiritualmente o homem ao Divino de maneira mais sublime e verdadeira, é a fusão da totalidade com existência que passa a existir na eternidade. Como revelou Pico:

Desejei apresentar meu trabalho e dificuldades, como a de extrair dos intrincados enigmas e dos mistérios das fábulas, os sentidos ocultos da secreta filosofia, sem auxílio de interpretações outras, numa empreitada circumspecta, recôndita e inexplorada (Pico, 2015, p.155).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título que trago a este trabalho “Giovanni Pico della Mirandola: uma conversa entre filosofia e religião”, tem o propósito abordar o período humanista renascentista, colocando a valorização da filosofia clássica Platão, Aristóteles, Epicuristas e Estoicos. Como base para a construção do pensamento renascentista a ciência e a arte por exemplo passam a ter mais espaço nesse período por essa valorização e a centralização do homem estamos entre o século XIV e XVI onde esse homem retira Deus do centro (teocentrismo) sem tirá-lo do seu contexto e Pico por sua vez é o filósofo que produz um o livro que tratamos “O discurso pela dignidade do homem” que é um apanhado geral de como o humanismo pensa e como ele se ressignifica através da filosofia e da religião existente.

Situei, então, o período a ser tratado e o que estes filósofos humanista buscavam, a saber, a valorização do homem, como construção desse homem, que não abandona Deus, mas se coloca como senhor de si mesmo e no controle dos outros seres de suas vontades, não mais regulado, mas regulador das medidas existentes em sua relação com Deus, saindo, desse modo, do lugar de mero contemplador para o de alguém que vivencia a máxima de que o homem é a maior criação de Deus, algo que, sem dúvida, filósofos desse nesse período, como, Salutati, Marcílio Ficino e o Pico della Mirandola, põem à prova, quer no âmbito de uma política na qual o homem pode agir de forma justa e boa para a república, quer através de um filosofia da natureza, por meio da qual é possível conhecê-la, extraindo dela os benefícios os mais diversos para a harmonia cósmica e humana, o que não ocorreria sem a afirmação da liberdade do homem e a ressignificação de sua relação com o divino.

Época, portanto, que tem por base o conhecimento, a exaltação do homem e o otimismo. Está conversa então se dá através dessa filosofia de Pico, que busca no conhecimento e na espiritualidade essa dignidade do homem, ou seja, constrói uma filosofia que anseia pela verdade como orientação, mas sem os ditames impositivos e limitativos da igreja, a verdade pertencente ao mundo em tudo o que o homem produz e em tudo o que ele passa a entender na construção do ser espiritual na sua subida, que se dá como que por um filosofar, a cada passo galgado dos degraus de uma escada – em analogia a escada de Jacó –, até atingir o mais alto degrau, o inteligível, Deus.

Essa é a verdadeira filosofia desse homem, que se harmoniza, entendendo ser a criatura de um criador que não o limitou, mas lhe concedeu o livre arbítrio, diferindo-o de todas as criaturas, possibilitando-lhe organiza-se moralmente, elevando sua inteligência para o bem comum, fazendo assim a união mística na construção de uma filosofia capaz de orientar o

homem e que se submete à religião, isto é, a Deus, num verdadeiro *religare*. Haja vista, que só é possível conhecermos Deus se o homem, conhecer-se a si, e só assim temos acesso ao verdadeiro conhecimento que está no criador. Nele está o bem de que Platão fala, pois ele é o próprio bem, ele é a justa medida e a perfeita razão. Assim, o que orienta o homem é esse diálogo com o divino em todas as suas nuances, é isso que o harmoniza e o norteia, por esse motivo não há um rompimento total do período em relação a Deus, muito menos na filosofia de Pico, cabendo entender a metamorfose que leva esse homem, em seu pleno vigor racional, a buscar por conhecimento, orientação e plenitude.

Precisou então que este autor perpassasse sobre todo o conhecimento que existia e sobre todas as correntes de ensino espiritual (cabala, magia e astrologia) para só então entender que cada uma constrói o conhecimento que se encontra fragmentado, através da reinvenção do homem na tentativa de entender o criador e de entender a si.

Essa conversa que trouxe foi sobre filosofia (busca) e religião (orientação), essa é a conversa que gera e norteia o pensamento renascentista humanista de Pico della Mirandola e abre caminho para o que o pensamento moderno não se prenda as amarras do clássico nem se detenha nas tutelas da igreja, caminhando o homem em sua própria direção e encontrando a sua verdade. Reafirmo, assim, a proposta norteadora da presente pesquisa, a saber, que Pico, longe de defender uma filosofia separada da religião, apresenta um sincretismo religioso-filosófico, capaz de harmonizar e orientar o homem na sua relação consigo e com a natureza.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade Deus contra os pagãos**. São Paulo: Vozes, 1990.
- BHAGAVAD-GITA: The Song of God. Translated: Swami Prabhavananda; Christopher Isherwood. Los Angeles: Vedanta Press, 1987.
- CABRAL, João Robson. O Humanismo no pensamento de Pico della Mirandola. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 11, n. 18, p. 133-147, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5823>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- BRANDÃO, Carlos. **O filósofo e o pintor: humanismo e anti-humanismo em Leon Battista Alberti**, in O que nos faz pensar, Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, n. 27, maio de 2010, p. 150.
- CASORETTI, Anna Maria. **Pico Della Mirandola: o esoterismo como categoria filosófica**. 2020. 192 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23124>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- DRESDEN, Sem. **O humanismo no renascimento**. Tradução de Daniel Gonçalves. Porto: Inova, 1968.
- DOUGHERTY, Michael Vincent. **Pico della Mirandola: novos ensaios**. Editado por M.V. Tradução de Getulio Schanoski Jr. São Paulo: Madras, 2011a.
- GARIN, Eugenio. **Giovanni Pico Della Mirandola: vita e dottrina**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2011.
- LIMA, Cinthia Almeida. Breves considerações sobre o humanismo de Giovanni Pico della Mirandola e Blaise Pascal. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 176–183, 2017. DOI: 10.23925/2177-952X.2017v11i20p176-183. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/36215>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- NUNES, Rizzatto. **O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: doutrina e jurisprudência**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- PICO, Giovanni. **Discurso pela dignidade do homem**. Tradução, organização, introdução e notas Antonio A. Minghetti. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.
- RABIN, Sheila J. Pico acerca da Magia e da Astrologia. In: DOUGHERTY, Michael Vincent. **Pico della Mirandola: novos ensaios**. Editado por M.V. Dougherty. Tradução de Getulio Schanoski Jr. São Paulo: Madras, 2011b.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Humanismo a Kant**. São Paulo: Paulinas, 1990.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

YATES, Frances A. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1964.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991.